

Correio Popular 27 - XII - 1970

Esta Vida Dedicada a Campinas

C. Siqueira FARJALLAT

JOLUMA' BRITO — um pseudônimo simpático, respeitado e familiar aos campineiros de todas as idades. O homem, João Batista de Sá, historiador, cronista, radialista, homem de imprensa, pesquisador paciente e incansável. A obra, muitas centenas de páginas formando numerosos volumes sobre a «História da Cidade de Campinas» e um sobre o maior de nossos compositores musicais, Carlos Gomes. Em rápidos traços aí está o perfil deste homem, que mantém por Campinas um interesse permanente, um amor e devoção inabaláveis. E note-se que é um amor desinteressado. Uma paixão unilateral. Toda a sua vida entregue à pesquisa laboriosa, exaustiva, impondo sacrifícios e renúncias. Em troca, não temos nós, campineiros, reconhecido, como o merece este trabalho, fruto de tanta persistência e estudo. Basta lembrar que ele próprio edita suas obras às suas custas, sempre com prejuízos de ordem financeira. E, raramente se interessa em vendê-las: doa-as às bibliotecas e centros de estudos, deixando antes de tudo, ver conhecida e cultuada a história desta cidade.

Assim é Jolumá Brito. Culto, paciente e desprendido de riquezas e pompas. E, contudo sua obra — vinte e seis densos volumes da «História da Cidade de Campinas» — vem merecendo apoio oficial, de institutos particulares para novas edições, desde que os primeiros volumes estão esgotados. E aí está o Autor, possuindo como nos asseverou, grande cópia de material informativo, suficiente para mais alguns volumes, mas quase impossibilitado de prosseguir, pelas mil dificuldades que surgem a todo o momento.

Enquanto isso acontece, multiplicam-se obras de nenhum valor literário ou técnico e científico, abarrotando as livrarias, e frequentemente transformando-se em «best-sellers» por força de publicidade.

O enamorado de Campinas

Jolumá trabalha desde 1920 no Cartório de Registro de Imóveis da 2.ª Circunscrição Imobiliária. Ali deve ter se acostumado às buscas pacientes em documentos, à decifração de papéis velhos, à interpretação de dados, de informações, de números, de estatísticas, de registros. Ali deve ter disciplinado sua vontade, que não desanima nunca. Ali aprendeu a persistir, a saborear as notas, e registros, a descobrir, por trás da notícia, as razões das atitudes e das reações, a captar com fidelidade o traço, o perfil, o sentimento.

Para tudo isso, ele precisa de coragem, perseverança e um amor leal e firme, nunca desmentido. O alvo é o mesmo: CAMPINAS. Com Jolumá Brito viajamos no tempo e no espaço. Ele evoca o burgo de Barreto, desde o alvorecer até os dias atuais, mas o faz, não com frieza e distância, mas com entusiasmo, vivacidade e minúcia. Ele faz surgir na tela do tempo os grandes vultos de outras eras, gente que fez História e que marcou os acontecimentos. Mas não se esquece de retratar os personagens menores, os fatos pitorescos, as modas, as festas, hábito, pronunciamentos, alegrias e tristezas acontecidos há duzentos anos e mais.

Por isso, as páginas de Jolumá Brito são lidas com prazer. Nelas palpita um sópro de vida muito intenso. E a linguagem flue escorregada e enxuta, moderna e agradável.

Pitoresco

As páginas da «História da Cidade de Campinas» baseiam-se rigorosamente nos documentos, mas possuem, ao mesmo tempo o traço vivo do interesse. Através delas, caminhamos pelas vielas, becos e ruas antigas, entramos nas casas de taipa e nos casarões, vagueamos pelas praças, admiramos os chafarizes, as vistosas festas de igreja, os foguetórios, os lampiões de gás, a paisagem em torno, onde surgiam sítios e fazendas.

Através delas, como de janelas transparentes, percebemos os contornos de casos alegres ou tristes: o horror da febre amarela; episódios da escravidão; cenas da vida ao tempo da monarquia; a propaganda republicana; o papel da imprensa; a febre política; e até o primeiro envenenamento aqui ocorrido, ou pelo menos, registrado. O caso foi assim: «o preto Manuel Cassange, escravo, convidou a José Congo, também escravo, para uma talagada de pinga, e botou veneno no copo do companheiro. O médico Tomás Antônio Gomide declarou no seu laudo, que o veneno era tão violento, que os efeitos eram idênticos aos do colera morbus...»

Um dos pontos bem curiosos refere-se ao assombro causado em Campinas pela notícia do telegrama chegado do Rio, e endereçado a Bento Quirino com os dizeres:

«Marechal Deodoro, à frente do povo proclamou a República.» E houve um delírio na multidão, que percorreu as ruas, mas sem incidente algum, dando belo exemplo da educação cívica desta terra. E há informes preciosos para o estudioso. Por exemplo, quem quiser conhecer os dizeres da Ata de 16 de novembro de 1889, relativa ao que houve na reunião da Câmara Municipal, no velho Paço, que então ficava onde se acha o tumulo-monumento a Carlos Gomes — é só abrir o volume 25, páginas 24 e 25.

Eleições de outrora

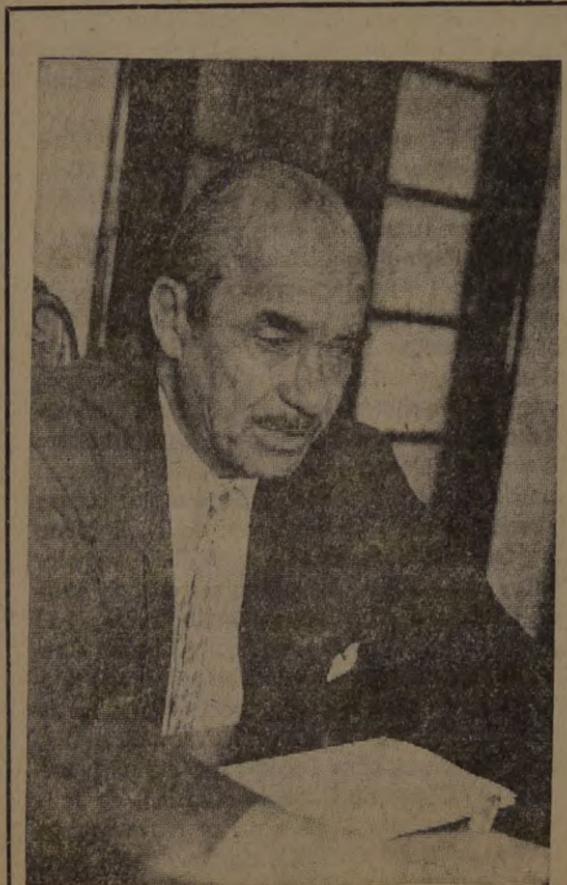
Em três saborosos capítulos do volume 23, registra Jolumá Brito a história das eleições de antanho, realizadas nas igrejas, mas arcando a Câmara com as despesas. As suas são anotações de grande interesse, rigorosamente documentadas sobre o sistema eleitoral, a propaganda, as eleições propriamente ditas, os engraçados «Viveiros», onde eram mantidos sob vigilância, caipiras vindos da roça, especialmente para votar. Trocavam de roupas e de nomes, sacrificavam barbas e bigodes, mas conseguiam o milagre de votar, duas, três e até mais vezes, no mesmo dia...

A história do «Circolo Italiani Uniti»

Interessa a todos os campineiros, e especialmente aos descendentes dos italianos, o volume 26 da obra citada, toda ela dedicada, como crônica viva, à instituição que tanta influência tem tido em nossa cidade, sendo hoje conhecida como Casa de Saúde Campinas. Todas as lutas travadas pelos seus idealizadores para a concretização deste empreendimento, seu progresso e benemerência, os vultos de seus grandes administradores e médicos estão vivos, e claramente delineados neste volume citado de Jolumá Brito.

Conferencista

Radialista, possui Jolumá Brito boa dicção e eloquência persuassiva. É bom orador, tendo sido muito solicitado para pronunciar conferências e palestras sobre temas de sua especialidade. Bem raro é o clube cultural de Campinas, onde ele não tenha falado, sempre fiel à sua devoção: Campinas, seu povo, história e realizações. Há poucos meses atrás, por exemplo, especialmente convidado pelo prof. catedrático de Sociologia do IEE Carlos Gomes Prof. Miguel Voigt, pronunciou, durante a Semana de Estudos Sociais, excelente palestra sobre a «Catedral de Campinas». A sua foi uma vibrante e patriótica aula, demonstrando aos jovens, que o poema de majestosa beleza, que é a nossa Catedral, justo orgulho de todo campineiro, foi erguida com o suor, trabalho, gênio e persistência de nossa gente, durante muitos anos.



Jolumá Brito, autor de «História da Cidade de Campinas», em 26 volumes

Nome ilustre

Se em Campinas, infelizmente, Jolumá Brito, não tem encontrado o apoio que merece, lá fora, nos mais renomados e importantes centros culturais do Brasil e do estrangeiro, sua obra é respeitada e consultada.

Escolhe-nos, comprovando isso, alguns documentos. Noveli Jr. brilhante intelectual, agradecendo-lhe a ofer-

ta de um dos volumes de «A História da Cidade de Campinas» disse: «envio-lhe minhas calorosas felicitações pelo valioso trabalho de pesquisa, além de substancial obra literária».

De 1959, sendo Presidente do Instituto Histórico e Geográfico o dr. José Pedro Leite Cordeiro, é o seguinte ofício: «Tenho o prazer de comunicar-lhe que em sessão realizada neste sodalício, em data do corrente mês, foi o ilustre confrade eleito sócio correspondente nacional. Em nome do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, e no meu próprio, felicito-o com efusão, certo de que a inteligência, o esforço e a boa vontade do nobre consócio muito contribuição para maior relêvo desta casa de cultura.

Do dr Afonso de Escragnoille Taunay (1956) recebeu o nosso historiador este documento:

«Ministério de Educação e Cultura. Prezado confrade Jolumá Brito — Venho agradecer-lhe o envio de sua admirável «História da Cidade de Campinas, bem documentada sobre o passado desta grande cidade paulista, núcleo de alta civilização e cultura. Em convalescença de grave enfermidade teve o dr. Gustavo Barroso (1958) suficiente lazer para a leitura do seu trabalho, cuja clareza e documentação, tenho o prazer de lembrar. Mais uma vez, muito obrigado...»

De Pedro Calmon, ilustre historiador, é a seguinte a carta: «Recebi com muito agrado e interesse a sua magistral coleção da «História da Cidade de Campinas», rio caudaloso de verdadeira documental em que mergulham as bases da nacionalidade, e que se refere a esse torrão privilegiado. Um abraço de confrade e amigo...»

Ação também

Jolumá Brito não é apenas o homem empolgado com o passado de Campinas. Realista, ele conhece o desafio do momento presente, e defende com denodo causas culturais, argumentando com firmeza e coragem. Tem lutado pela instalação de um Museu Histórico em nossa cidade, providência inadiável para nossos foros de gente culta, e medida urgente para preservar objetos, que já estão dispersando e perdendo, por falta de local, onde sejam catalogados e conservados. Defende a tese que que o prédio antigo onde funcionava a Prefeitura, seria ideal para um Museu, após certas reformas e adaptações. E espera que esta providência seja tomada logo.

Com Jolumá Brito pode a juventude, podem os campineiros de todas as idades, aprender duas lições: amor verdadeiro à terra campineira, e persistência nas pesquisas — exatamente os traços dominantes de sua personalidade.

Há os que assinam
qualquer jornal

eco